

# RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

---

IRN KHALDUN. — **Os Prologômenos ou Filosofia Social**. Tradução integral direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. Introdução de Jamil Almansur Haddad. Tomo primeiro. Instituto Brasileiro de Filosofia. Editôra Comercial Safady Ltda. São Paulo, 1958. 568 páginas. Brochura.

Ibn Khaldun, historiador e sociólogo do Islão no século XIV, autor bastante conhecido dos estudiosos daquele período histórico (1), é considerado, além de historiador e sociólogo, um precursor dos economistas da época contemporânea. Expôs suas idéias e conhecimentos na obra **Os Prologômenos, ou A Filosofia Social**, agora traduzida diretamente do árabe para o português, em três volumes, dos quais, o primeiro, que aqui resenhamos, já foi pôsto ao alcance do público.

Esta tradução apresenta de início um prefácio do autor e uma interessante introdução onde êle estabelece as bases do conhecimento histórico, segundo seu entender, e os princípios que devem reger o estudo daquela matéria, além de apontar os erros de outros historiadores. Faz também severas críticas aos estudiosos de História que desleixam as rigorosas pesquisas às fontes documentais e deixam-se levar pela simples tradição oral (2). Critica também as tendências que muitos historiadores têm de transformarem os acontecimentos históricos em epopéias. Suas críticas são sempre acompanhadas de inúmeros exemplos, o que demonstra o seu conhecimento da História e seu avançado espírito de precursor.

No decorrer de suas críticas Ibn Khaldun faz inúmeras citações aos princípios que devem reger os estudos de História. Como exemplo, reproduziremos alguns desses princípios que ainda hoje são desconhecidos por alguns historiadores.

“As obras históricas encerram mais outro gênero de erros, devido à negligência dos autores em não prestarem atenção às modificações que os tempos e as épocas produzem no estado social... Com efeito, o estado do mundo e dos povos, seus usos, suas opiniões, não subsistem de maneira uniforme e numa situação invariável. Constituem ao contrário, uma sucessão de alternativas e uma transposição contínua de um estado para outro...” (3).

“Sabe-se que o homem é naturalmente levado a basear seus julgamentos sobre analogias e semelhanças. Este processo de julgar não está totalmente ao abrigo do erro, e, se acompanhado de desatenção e de falta de reflexão, perigosamente afasta do propósito e falseia o sentido da investigação. Relatar ou ouvir os acontecimentos passados é esquecer-se das modificações havidas na sociedade humana, para estabelecer um

---

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas obras para a competente resenha bibliográfica (*Nota da Redação*).

(1) . — Ver Henri Pirenne, *História Econômica y Social de la Edad Media*. Ed. Fondo de Cultura Económica, 6a. ed., pág. 10.

(2) . — Pág. 18.

(3) . — Pág. 68.

confrônto entre êstes fatos passados e as coisas que apreendeu ou testemunhou (no presente), é arriscar-se pela certa a cometer um grave erro, pela razão que os dois elementos a comparar podem apresentar diferenças notáveis" . . . (4).

Após a introdução, o autor passa a apresentar o livro primeiro: **Da sociedade humana e dos fenômenos que apresenta, tais como a Vida Nômade, a Vida Sedentária, a Dominação, a Aquisição, os meios de se ganhar a subsistência, as ciências e as artes; com indicações das causas que produziram êstes efeitos** (5).

Começa a apresentação discutindo o objetivo da História, que, segundo o autor:

"... se propõe... fazer-nos compreender o estado social do homem, isto é, a civilização, e explicar-nos os fenômenos que estão ligados naturalmente com ela, a saber: a vida selvagem, a humanização dos costumes, o espírito de família e de casta, os diversos tipos de superioridade que os povos conseguem obter uns sobre os outros e que dão origem aos Impérios e às Dinastias, a distinção das classes e dignidades, as ocupações a que os homens dedicam seus trabalhos e seus esforços, tais como as profissões lucrativas, os ofícios de que se vive, as ciências, as artes; enfim, tôdas as modificações que a natureza das coisas pode operar no caráter da sociedade" (6).

Continua o autor estudando o porquê dos erros que os estudiosos cometiam nos seus estudos de História, extraindo de sua análise sete causas básicas de erros que devem ser evitadas, e para ilustrar suas afirmativas apresenta vários exemplos de estudos históricos que incorreram naqueles erros.

O primeiro livro foi dividido pelo autor em seis partes:

- I). — Da sociedade em geral; das variedades da raça humana e dos países por ela ocupados.
- II). — Da organização social entre os nômades, das tribos e dos povos semi-selvagens.
- III). — Do governo dinástico; do Califado; da Realeza; das Dignidades que necessariamente os acompanham.
- IV). — Dos caracteres da organização social resultantes da vida em morada fixa, e da influência que exercem as cidades e as províncias.
- V). — Das Profissões e dos diversos meios de se procurar a subsistência e de se fazer fortuna.
- VI). — Das Ciências e dos meios de as adquirir e de se instruir (7).

A edição aqui resenhada apresenta em seu primeiro volume apenas as três primeiras partes do Livro I.

A primeira parte do Livro I por sua vez está dividida em seis **Discursos Preliminares**.

---

(4). — Pág. 70.

(5). — Pág. 85.

(6). — Pág. 85.

(7). — Pág. 102.

Começa o primeiro discurso defendendo o principio aristotélico de que “O homem é por natureza um animal social” (8). Partindo dessa premissa, o autor estuda a necessidade da reunião dos homens em sociedade, os acidentes geográficos, os climas e suas influências sobre os homens, a raça negra, etc., até chegar no sexto discurso onde procura aprofundar-se no conhecimento dos assuntos ligados aos fenômenos sobrenaturais, astrologia, seitas religiosas, etc.

A segunda parte está dividida em trinta capítulos, onde a sociedade humana é analisada sob um sistema evolutivo que vai da vida nômade à sedentária, sendo estudada também a formação dos impérios e os motivos pelos quais certos povos estão ou não em condições de formar um grande império, tomando como exemplo os beduínos e os árabes. No último capítulo da segunda parte, intitulado: **As Tribos e povoações agrícolas situadas nos campos submeteram-se à autoridade dos habitantes da cidade** (9), o autor procura demonstrar a superioridade da condição social de vida do homem das cidades sobre os homens do campo, tese esta refutada por De Slane que chegou mesmo a chamar a idéia de “falsidade do raciocínio do autor” (10). Cumprenos tornar claro que Ibn Khaldun escreveu sua obra nos fins do século XIV, isto é, época em que o mundo medieval sofria grandes transformações e o renascimento da vida urbana fazia com que os homens do campo dirigissem seus interesses para as novas cidades, procurando fugir à suzerania dos senhores feudais que dominavam a vida agrícola (11).

Lembramos também que Ibn Khaldun conhecia o Ocidente cristão, sobre o qual também escreveu, e que o mesmo fenômeno de predominância social da vida urbana sobre a do campo também ocorria no mundo muçulmano daquele período, o que aliás é explicado com clareza pelos tradutores desta edição brasileira.

A terceira parte está dividida em trinta e um capítulos, onde o poder político no mundo muçulmano é estudado na sua formação, desenvolvimento, evolução e decadência.

No término da terceira parte, encontramos um apêndice dividido em duas partes:

- I). — Planisfério de Idrissi e explicações de Ibn Khaldun sobre os diversos climas e suas divisões.
- II). — Autobiografia de Ibn Khaldun.

Na primeira parte há uma gravura de Hemisfério de Idrissi bastante reduzida e apagada, onde apenas adivinhamos os contornos, mas a descrição de Ibn Khaldun é uma grande contribuição para a História da Geografia, e principalmente para os estudiosos da História da Europa ocidental e oriental naquele período.

---

(8). — Pág. 105.

(9). — Pág. 269.

(10). — Pág. 269, nota 1.

(11). — Vide Henri Pirenne, *obra citada*, cap. II, págs. 36 a 47.

A parte da terra estudada naquele planisfério está dividida em sete climas e cada clima em dez secções. Os climas são descritos com bastantes pormenores, mostrando-nos o adiantado conhecimento geográfico dos muçulmanos daquela época, e também a organização político-social, e os hábitos e costumes dos diversos povos abrangidos pelo mapa.

Na segunda parte Ibn Khaldun nos dá sua autobiografia bastante pormenorizada, que é também em si um excelente documento histórico para o estudioso do assunto, pois sua vida e a de seus ancestrais está diretamente ligada aos acontecimentos importantes do Islão, basta-nos lembrar que Ibn Khaldun é de família de origem sevilhana, seus ancestrais foram para Sevilha com a conquista e de lá voltaram com a reconquista, e que Ibn Khaldun já é do período de decadência do Império muçulmano. Seu nome está portanto presente em toda a História do Islão.

O primeiro volume termina com um índice pormenorizado do seu conteúdo. É uma obra de grande valor que dispensa maiores elogios, pois todos aquêles que se dedicam ao estudo de História conhecem a importância que representa a tradução de Ibn Khaldun para o português.

VIVALDO W. F. DAGLIONE

\* \*  
\*

NOGUERA (Eduardo). — **Tallas Prehispánicas en madera**. Editorial Guaranía. México, D. F. 1958. 80 páginas mais 29 lâminas com reproduções de desenhos e fotografias. Brochura.

Eduardo Noguera, arqueólogo especialista no estudo das culturas americanas pré-hispánicas, foi diretor do Museu Nacional de Antropologia, por muitos anos também pertenceu à **Dirección de Monumentos Prehispánicos**.

A obra, como diz o título, estuda os trabalhos em madeira dos povos pré-hispánicos da América, destacando-se os aztecas e maias. O autor alega que em língua castelhana não havia obra que tratasse do assunto com profundidade, o que o levou a publicar seu trabalho. Procura provar que os povos pré-hispánicos fizeram uso da madeira para confecção de objetos de arte e de utilidades práticas em grande escala, contrariando assim a crença geral de que aquêles povos não usavam madeira; o autor acredita que esta crença existe porque praticamente desapareceram todos os objetos de madeira feitos por aquêles povos, desaparecimento êste devido à destruição dos colonizadores, dos padres catequizadores, e à ação do tempo sobre a madeira, que é um material facilmente deteriorável. Para provar essa tese o autor se baseia nos testemunhos dos cronistas e no alto valor artístico das poucas peças que se encontram hoje nos museus e coleções particulares.